

A OBRA CIENTÍFICA DE PAUL EHRENREICH

Egon Schaden

Professor de Antropologia, Universidade de São Paulo

Há 50 anos, em 14 de abril de 1914, falecia em Berlim o etnólogo Paul Ehrenreich, um dos grandes exploradores alemães que no último quartel do século passado trabalharam entre os índios do Brasil. Era doutor em medicina e em filosofia, além de docente-livre da Universidade de Berlim, sua cidade natal. Pertencia à velha estirpe de sábios incapazes de se inclausurarem na técnica de uma especialidade restrita, de obreiros do espírito para os quais a solução dos problemas particulares havia de ser empreendida, sempre que possível, dentro de um amplo esquema de referência e com o domínio de um grande acervo de dados concretos. Era também dos que distribuía o seu interesse de maneira mais ou menos uniforme por tôdas ou quase tôdas as múltiplas disciplinas da Ciência do Homem, o que hoje em dia, pela complexidade que êstes estudos assumiram, se vem tornando cada vez mais raro. Tinha ao mesmo tempo o espírito e os olhos abertos para os problemas das ciências naturais. No interior do Brasil reuniu não somente coleções etnográficas, mas também zoológicas, e, além disso, contribuiu para a geografia do país.

A obra de Paul Ehrenreich abrange principalmente ensaios de teoria e método, descrições etnográficas, como ainda trabalhos etnológicos, lingüísticos, somatológicos e, acima de tudo, de mitologia comparada. Na maioria, são dedicados ao conhecimento científico do índio brasileiro, ora sistematizando resultados de pesquisas de campo, ora apresentando a interpretação do material colhido e a de dados esparsos pela literatura especializada. No conjunto dêsses trabalhos sobressaem como características dominantes a adoção conseqüente de diretrizes teóricas, o rigor do método de análise, um extraordinário senso de precisão e por vêzes também invejável capacidade de síntese. Mesmo os que se lhe opunham no campo da teoria e do método — como, por exemplo, Wilhelm Schmidt e, mais tarde, Ruth Benedict — não tinham dúvidas em reconhecer o valor de suas contribuições. E ainda hoje a maioria dos livros e artigos que publicou sobre os nossos silvícolas é tida como indispensável aos que se ocupam com a etnologia do Brasil.

Fêz viagens de estudos à Índia, ao Egito e sobretudo ao Brasil, aonde o trouxeram duas expedições. Na primeira (1884-1885) estêve entre os Botocudos do Rio Doce; na segunda acompanhou a Karl von den Steinen ao alto Xingu (1887-1888), para a seguir (1888-1889) visitar os Karajá do Araguaia e afinal os Paumarí, os Yamamadí e os Ipuriná do Purus. De passagem, teve também contactos com representantes de outras tribos, recolhendo especialmente material lingüístico. Do que viu e ouviu nessas viagens resultou uma série de estudos, dentre os quais se destacam monografias sôbre os Botocudos do Espírito Santo e os Karajá, bem como um livro com a análise de suas observações e mensurações somatológicas das tribos que visitou. Não cabe aqui, nem seria possível, apreciar devidamente a cada um dêsses trabalhos. Diga-se que, a par de seu valor intrínseco, encerram dados de primeira mão sôbre fenômenos hoje desaparecidos ou mesmo, como no caso dos Botocudos, sôbre tribos que deixaram de existir. Apesar das falhas que possa ter, a monografia sôbre êstes índios é insubstituível, já por serem tão escassos os nossos conhecimentos a seu respeito, já porque retrata a tribo em determinado momento de sua história. E não se reduz a apresentação pura e simples de dados etnográficos, lingüísticos e somatológicos, mas visa a elucidar a situação dos Botocudos no quadro geral dos aborígenes brasileiros. O sábio aí se pronuncia a favor da hipótese de que êsses índios, e outros da faixa oriental, eram os representantes mais antigos da grande família jê e de que teriam como antepassado comum o homem da Lagoa Santa, descoberto por Lund. Enquanto os Jê ocidentais ou pròpriamente ditos, pelo contacto com outras tribos, e adaptando-se a condições naturais diferentes, experimentaram maior desenvolvimento cultural, os Botocudos, permanecendo na região inicial das migrações, teriam conservado a primitiva cultura do grupo. Quer se adote ou se rejeite a conclusão, a que hoje talvez se oponham dúvidas, serviu ela em todo caso de hipótese de trabalho aos que mais tarde iriam retomar o problema com apoio em maior riqueza de elementos. E se, após as pesquisas de Fritz Krause e de outros, a monografia sôbre os Karajá passa por antiquada, nem por isso pode ignorá-la o etnólogo de hoje, sobretudo, como observa Baldus, quando se trata de conhecer a aculturação da tribo. Antes das pesquisas de Ehrenreich ignorava-se até que os Karajá constituíam uma população inteiramente distinta dos Karaíb e dos Jê e que tanto a sua língua como as características fundamentais de sua cultura faziam dêles uma tribo à parte dos grandes grupos. Ademais, ninguém imaginava, lembra Terschauer, que as tribos do Purus representassem o "membro conjuntivo" entre os Aruák setentrionais e os da Bolívia e do Mato Grosso. São fatos de há muito incorporados às noções elementares da etnologia sul-americana e já tão corriqueiros que fâcilmente nos esquecemos de que houve tempo em que ninguém os conhecia. Afinal, a sorte do cientista é a de ser pioneiro ou precursor.

Coisa semelhante vale para outras contribuições de Ehrenreich. Assim, o volume sobre a antropologia física dos silvícolas, valioso na época, está longe de satisfazer as exigências modernas, mas cabe-lhe por exemplo, o mérito de ter ajudado a destruir o mito da homogeneidade somática das populações aborígenes do Novo Mundo. Tampouco a análise comparativa da mitologia dos índios sul-americanos, publicada em 1905, corresponde, é evidente, à maneira pela qual hoje se empreenderia a tarefa. No entanto, continua sendo a única tentativa de dar uma vista de conjunto das tradições míticas e de submetê-las a uma linha de interpretação. Aliás, no último período de vida essa ordem de problemas se tornou o campo de predileção do cientista. Publicou também um importante tratado teórico sobre os fundamentos etnológicos da mitologia geral, e, no dizer de Baumann, não se escreveu ainda outro livro em que a matéria fôsse discutida com a necessária amplitude. Adepto da chamada "mitologia astral", defendida especialmente por Siecke, Ehrenreich considerava as criações míticas devidas primariamente não a simples projeções da vida psíquica, mas à visão concreta, antropomorfizante, de fenômenos da natureza, sobretudo lunares e solares. Nem por isso excluía outras perspectivas, entre estas a comparação dos mitos de diferentes regiões geográficas do mundo para descobrir a sua possível conexão histórico-cultural ou estabelecer áreas de difusão. O seu domínio extraordinário da vasta literatura sobre o assunto o habilitava, como a ninguém mais, a enveredar-se com êxito por êsse caminho. Entretanto, a morte, que o surpreendeu em meio de intenso trabalho, não lhe permitiu ensaiá-lo senão para o continente sul-americano. O resultado de maior alcance para a etnologia brasileira foi a determinação de três grandes ciclos míticos, cada um deles caracterizado pela ocorrência de motivos peculiares, e correspondentes às famílias lingüísticas tupí-guaraní, aruák e karaíb. Além disso, ficou fora de dúvida a conexão pré-histórica com a mitologia dos índios norte-americanos.

Ehrenreich não era nada otimista quanto ao destino dos silvícolas brasileiros, mormente em face do que vira entre os Botocudos de Espírito Santo, do grau de seu depauperamento físico e de sua desmoralização pelo convívio com os brancos. Retomando a famosa frase de Martius, de que "a humanidade americana já não tem futuro", declara-a desmentida para as populações nativas dos países das grandes civilizações pré-colombianas, que, afirma, retomaram alento após um longo período de opressão e decadência, mas "tanto mais verdadeira para essas hordas primitivíssimas (os Botocudos) que vagueiam sem pátria em sua própria terra e de cuja existência no próximo século já não haverá testemunhos, salvo escassos restos de esqueletos e utensílios de pedra encontrados cá e acolá na derrubada das matas". Isto é de 1887. A previsão se realizou. E de então para cá dezenas de tribos tiveram igual sorte.

Não se há de dizer que o Brasil deixou de fazer justiça a Ehrenreich. Já em 1887 foi nomeado sócio correspondente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e mais tarde, em 1907, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro lhe conferiu idêntica distinção. Boa parte de seus trabalhos foi vertida para o português. A Capistrano de Abreu devemos a tradução de um estudo sobre a "Divisão e distribuição das tribos do Brasil segundo o estado dos nossos conhecimentos" e de outro sobre "A etnografia da América do Sul ao começar o século XX". M. de Oliveira Lima, Alexandre Hummel e Egon Schaden traduziram mais alguns. Foram divulgados em parte pela imprensa (Diário Oficial e Jornal do Comércio, do Rio de Janeiro) e pelos órgãos de várias entidades científicas nacionais. Herbert Baldus escreveu um ensaio bio-bibliográfico a título de introdução às "Contribuições para a Etnologia do Brasil", que abrangem os trabalhos sobre os Karajá e as tribos do Purus e cujo texto português se encontra na Revista do Museu Paulista. Por outro lado, o livro sobre a mitologia dos índios sul-americanos continua acessível só no original. Um dos grandes admiradores brasileiros do etnólogo foi Rodolfo Garcia, que em seu magistral resumo da "Etnografia Brasileira" (no Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, comemorativo do primeiro centenário da Independência) se apóia muitas vezes na opinião de Ehrenreich. Considerava de "altíssimo valor" as contribuições com que êste enriqueceu os conhecimentos sobre as culturas indígenas de nosso país.